

F FATORES QUE INIBEM A PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS INVESTIDORES DO RIO GRANDE DO NORTE NO MERCADO DE AÇÕES

Alessandro de Albuquerque Apolinário¹
Daniyel Ferreira de Medeiros
Emerson de Oliveira Capistrano
Tiago Cóbe de Araújo
Carlos Eduardo Marinho Diniz

RESUMO

Visa-se identificar os motivos que podem inibir o ingresso do pequeno investidor do RN no Mercado de Capitais. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa exploratória descritiva, em que a população-alvo foi composta por 70 elementos que dispõem de reserva financeira. Dessa forma, abordar-se-ão tópicos importantes como mercado financeiro, mercado de ações, bolsa de valores, dentre outros, que fornecerão a base necessária para o alcance do escopo pretendido. Portanto, este trabalho se propõe a identificar o nível de conhecimento do investidor sobre o seu funcionamento, apresentando as vantagens do mercado de capitais, sugerindo alternativas para desmistificar o acesso ao mercado.

Palavras-chave: Mercado Financeiro. Bolsa de Valores. Ações. Risco.

INHIBITING FACTORS IN THE PARTICIPATION OF SMALL INVESTORS INSIDE RIO GRANDE DO NORTE'S STOCK MARKET

ABSTRACT

This work aims at to identify the reasons that can inhibit the ingression of the small investor of the RN in the Stock market. In this direction, a research was carried through, where the population-target was composed for 70 elements that make use of financial reserve. Thus, they will be approached topical important as financial market, stock market, stock exchange, amongst others, that will supply the necessary base the reach of the intended target. Therefore, this work if considers to identify to the level of knowledge of the investor on its functioning, presenting the advantages of the stock market, suggesting alternative to demystify the access to the market.

Keywords: Financial Market. Stock Market. Stock Exchange. Stock. Risk.

¹ Alessandro de Albuquerque Apolinário, et al. Discentes do Curso MBA em Administração Financeira – FARN. E-mail: apolinario01@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As Bolsas de Valores surgiram em épocas distantes e não se sabe ao certo sua origem. Os primeiros relatos ocorreram por volta do século XVII e já no século seguinte tiveram grande desenvolvimento. Com o crescimento das sociedades por ações, permitindo grandes agrupamentos de recursos, elas assumiram um papel importante na oferta e procura de capitais.

No Brasil, o desenvolvimento das bolsas está diretamente ligado ao desenvolvimento da estrutura financeira do país. Foram basicamente dois tipos de instituições que fundamentaram este desenvolvimento: os bancos comerciais e as bolsas de valores.

O desenvolvimento econômico está intrinsecamente ligado à predisposição entre ofertantes e demandantes de recursos financeiros, e quem tem reserva econômica empresta o seu capital a quem necessita de recursos. Nesse contexto, o mercado de capitais surge como uma oportunidade na captação de recursos para as empresas a custos mais baixos do que outras fontes de financiamento, e para os investidores a possibilidade de aplicar sua poupança em busca de uma maior rentabilidade.

Todavia, uma grande quantidade de pessoas mantém somas elevadas em caderneta de poupança. Elas poderiam estar recebendo uma remuneração superior de seu capital, caso estivessem investindo em uma opção que oferecesse maior rentabilidade, com um nível de risco aceitável.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo identificar os motivos que podem inibir o ingresso do pequeno investidor do Rio Grande do Norte no mercado de capitais. Outrossim, faz-se necessário identificar o nível de conhecimento do investidor sobre o seu funcionamento, apresentando as vantagens do mercado de capitais e sugerindo alternativas para desmistificar o acesso a esse mercado.

2 O MERCADO FINANCEIRO

A concepção de alguns conceitos básicos é de fundamental importância para que seja possível discorrer sobre assuntos da área financeira, que passam à margem do conhecimento ou compreensão da maioria da população.

O Mercado Financeiro é composto por quatro segmentos: o mercado monetário, o mercado de crédito, o mercado cambial e o mercado de capitais. Segundo Assaf Neto (2001), o mercado monetário diz respeito às

operações de prazo curto e curtíssimo, possibilitando um controle rápido e ágil da liquidez da economia. O mercado de crédito envolve as operações de financiamento de curto e médio prazo, direcionadas aos ativos permanente e capital de giro das empresas. O mercado cambial engloba operações de conversão de moeda de um país para o outro. O mercado de capitais, por sua vez, inclui operações financeiras de médio e longo prazo, e também de prazo indeterminado, como, por exemplo, as operações com ações.

O mercado de capitais tem papel essencial no processo de desenvolvimento econômico. Segundo Assaf Neto (2001), esse mercado é o fornecedor de recursos permanentes para a economia, em virtude da ligação que efetua entre os que têm capacidade de poupança, isto é, os investidores, e aqueles carentes de recursos de longo prazo, ou seja, os que apresentam déficit de investimento.

Para Gitman (1997), o mercado de capitais pode ser entendido como uma relação financeira criada por várias instituições e condições que permitem aos fornecedores e aos tomadores de fundos de longo prazo realizar transações.

Nesse contexto, as bolsas de valores encontram-se no cerne da estrutura do mercado de capitais, propiciando o ambiente adequado para as transações de instrumentos de dívida e participações acionárias.

3 O MERCADO DE AÇÕES

As ações são títulos nominativos negociáveis que representam uma fração do capital social de uma empresa. O mercado de ações pode dividir-se em duas etapas: mercado primário e o mercado secundário. De acordo com Fortuna (2002), uma ação representa a menor parcela do capital social que compõe uma sociedade por ações. As ações podem ser classificadas em Ordinárias, que conferem direito a voto nas assembléias dos acionistas, ou Preferenciais, que têm a preferência na distribuição dos dividendos.

Luquet (2000), explica que dividendos é a parte do lucro da empresa que a mesma distribui a seus acionistas e destaca que as ações ordinárias são geralmente menos negociadas em mercado, pois os acionistas controladores das empresas optam por emitir ações preferenciais, mantendo as ações ordinárias em seu controle, concentrando dessa forma o controle da empresa em suas mãos.

Conforme Cavalcante Filho; Misumi (1998), as bolsas de valores são associações civis, sem fins lucrativos que têm como objetivo social, manter

local adequado ao encontro de seus membros e a realização de transações de compra e venda de títulos e valores mobiliários entre eles, em mercado livre e aberto, especialmente organizado e fiscalizado por seus membros, pela autoridade monetária e pela CVM – Comissão de Valores Mobiliários, em especial.

Segundo a Bolsa de Valores de São Paulo – Bovespa (1999), seu quadro social é integrado por sociedades corretoras que operam no Sistema Eletrônico de Negociação. O órgão deliberativo máximo da Bovespa é a Assembléia Geral das Corretoras Membros. As reuniões da Assembléia acontecem habitualmente duas vezes por ano, com a finalidade de deliberar sobre proposta orçamentária, aprovação das demonstrações financeiras do exercício anterior e para a eleição dos membros do Conselho de Administração.

O Pregão, segundo Cavalcante Filho; Misumi (1998), diz respeito ao ambiente mantido pelas bolsas para realização das negociações de títulos, especialmente ações, em mercado livre e aberto. É onde ocorre todo o processo operacional, onde se encontram os fluxos de oferta e demanda do mercado de ações. Os operadores da bolsa representam milhares de pessoas que desejam comprar e vender ações. Todos devem ter acesso a todas as informações e fatores importantes que possam influenciar o preço atual ou futuro do objeto das transações, ou seja, o pregão deve funcionar como um mercado transparente.

4 POUPANÇA

A formação de poupança representa um dos primeiros passos para alguém que deseja tornar-se um investidor, de qualquer mercado que seja. De acordo com o Banco do Brasil S.A. (2004), poupança significa a “parcela de renda não utilizada para consumo”. Nesse sentido, pode-se destacar que a poupança resulta da relação entre receitas e despesas, que Halfeld (2001), simplifica na fórmula:

$$\text{Poupança} = \text{Receitas} - \text{Despesas}$$

Ressaltando que na equação existem dois meios de aumentar a poupança, elevando as receitas e/ou reduzindo as despesas.

Um hábito facilmente identificado no comportamento das pessoas é o de protelar o ato de reservar certa parcela da renda, no decorrer do período surgem despesas que muitas vezes poderiam ser evitadas e consomem o

que poderia ter sido economizado. Este costume dificulta sensivelmente a formação de reserva financeira. Para Macedo (2003), a equação seria mais eficiente se exposta da forma:

Receitas – Poupança = Despesas

Nesse sentido, a poupança assume posição prioritária, por aparecer antes do consumo. Entretanto, não havendo disciplina os resultados não aparecerão. Conforme adverte Luquet (2000), o mais importante não é guardar muito, mas guardar sempre.

5 ELEMENTOS DO RISCO

A maior parte das escolhas feitas pelas pessoas envolve certo grau de incerteza com relação às suas conseqüências. O somatório de todas as possibilidades de fracasso a não atingir o objetivo pré-fixado é apenas uma das muitas denominações de risco. Em particular, a aquisição de ativos financeiros envolve possibilidade de perda do dinheiro investido ou não obtenção do retorno esperado.

Segundo Gitman (1997), a taxa de juros é a compensação paga pelo tomador de fundos ao credor; do ponto de vista de tomador de fundos, é o custo de tomar emprestado os fundos. Pode-se aferir a taxa de juros nominal de um investimento, K_1 , pelo somatório da Taxa de Juros Real (K^*), Prêmio de Expectativas Inflacionárias (IP) e Prêmio pelo Risco (RP) conforme a fórmula abaixo:

$$K_1 = K^* + IP + RP^1$$

O Prêmio pelo Risco varia de acordo com as características do investimento. Dentre os vários componentes do Prêmio de Risco está o risco de inadimplência, risco de vencimento, risco de liquidez, condições contratuais e risco tributário. Quanto maior o Prêmio pelo Risco, conseqüentemente, mais alto deverá ser a Taxa Nominal dos títulos emitidos por empresas que desejam captar recursos no mercado financeiro.

As sociedades corretoras são de fundamental importância na orientação prestada aos investidores sobre os riscos envolvidos nas diversas possibilidades de composição das carteiras de investimentos. É primor-

dial classificar o investidor quanto a sua propensão de assumir risco. Normalmente, o investidor é agrupado em três grupos: o conservador tem aversão ao risco e procura posições estáveis; o moderado busca outras alternativas além das tradicionais e está disposto a assumir certo risco; o agressivo aceita o risco e espera obter retorno elevado.

O risco total de um investimento é o somatório do risco não-diversificável e o diversificável.

$$\text{Risco total do título} = \text{risco não-diversificável} + \text{risco diversificável}$$

Brigham; Weston (1992, p. 173) abordam o risco diversificável ou de mercado como a parte que compõe o risco que não pode ser eliminada pela diversificação. É inerente a todos os ativos negociados no mercado, sendo determinado por eventos de natureza política, econômica e social, por exemplo, guerras, incidentes internacionais, pressões inflacionárias, dentre outros. (ASSAF NETO, 1999, p. 230).

O risco não sistemático ou diversificável constitui o risco de um título que pode ser eliminado pelo princípio da diversificação, por exemplo, as greves (Brigham; Weston (1992, p. 173)). Com a técnica da diversificação da carteira é possível minimizar o risco não sistemático. Os analistas de investimentos recomendam aos investidores diversificarem seus recursos de modo a proteger o dinheiro e garantirem uma boa rentabilidade.

Em 1952, a Teoria de Carteiras de Markowitz propõe a análise de investimentos através de risco, fato este, até então, impraticável na época. Mesmo não tendo sido bem aceita a princípio. Hoje, a composição das carteiras de investimentos passou de um patamar bastante empírico para um científico.

Segundo Assaf Neto (1999, p. 242), o objetivo básico do estudo de carteiras de ativos é selecionar a carteira definida como ótima, baseando-se nos seguintes critérios de investimento:

- Selecionar a carteira que oferece o maior retorno possível para um determinado grau de risco, ou;
- Selecionar a carteira que produza o menor risco possível para um determinado nível de retorno esperado.

Dessa forma, a teoria de carteiras de Markowitz (1952) tem como sustentáculo para o processo decisório a análise do risco e retorno.

No Brasil, a cultura do investidor ainda é extremamente conservadora, devido a uma preocupação maior de proteger o principal do que ter rentabilidade maior. No entanto, mesmo que de maneira lenta e gradual, verifica-se que o pequeno investidor está migrando para os fundos mais agressivos, e esse fato, vai exigir o aperfeiçoamento das indústrias de fundos, uma vez que esses clientes se tornarão mais exigentes à medida que assumem um risco maior em troca de uma maior rentabilidade dos seus investimentos.

Mas antes de lançar novos produtos ao Mercado, faz-se necessário começar a trabalhar a questão cultural do investidor brasileiro, que tradicionalmente tem aversão ao risco. Dessa forma, o Governo passou a trabalhar o fortalecimento do Mercado de Capitais, iniciado com a pulverização de ações da Petrobrás utilizando o FGTS. Obteve um sucesso tão grande que resolveu vender também as ações da Vale do Rio Doce, utilizando critérios semelhantes aos adotados na venda de ações da Petrobrás. O resultado também foi bastante expressivo, superando inclusive a operação realizada na Petrobrás. Mais de 700 mil brasileiros investiram em ações da Vale utilizando recursos do FGTS.

6 RESULTADOS

Considerando-se a classificação científica proposta por Vergara (2006), a presente pesquisa foi conduzida sob dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa foi exploratória e descritiva. No que concerne aos meios, a pesquisa desencadeou-se por meio de pesquisa bibliográfica.

A população dessa pesquisa compreendeu 70 (setenta) elementos que possuem algum tipo de reserva financeira depositada em alguma instituição financeira ou não, sendo todos pesquisados. Para realizar uma análise de dados em uma pesquisa científica é preciso anteriormente estabelecer quais serão os instrumentos a serem utilizados, assim como apresenta Andrade (1998).

Dessa forma, o presente estudo foi desenvolvido por meio de questionário constituído por 15 (quinze) questões abertas e fechadas estruturadas de forma a apresentar com o máximo de clareza o perfil do público em análise. Essa escolha justificou-se pelo fato da aplicação

do questionário não exigir necessariamente a presença do pesquisador durante a aplicação. Para o tratamento estatístico desta pesquisa, foi utilizado o aplicativo computacional Excel 2000.

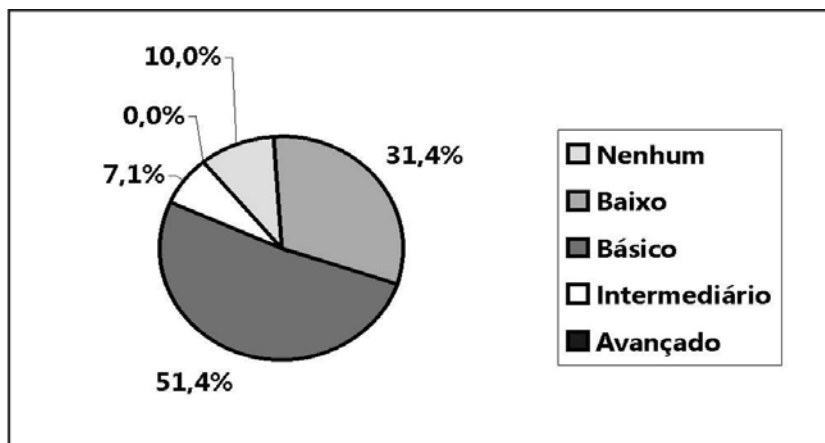


Gráfico 1 – Nível de conhecimento dos pequenos investidores do RN sobre Bolsa de Valores
Fonte: Dados da Pesquisa, 2006.

Conforme os dados do Gráfico 01 verifica-se que mais da metade dos pesquisados (51,4%) afirmaram ter um nível de conhecimento básico sobre a Bolsa de Valores, apenas 7,1% consideram seu nível de conhecimento como intermediário e nenhum entrevistado classificou seu nível de conhecimento como avançado.

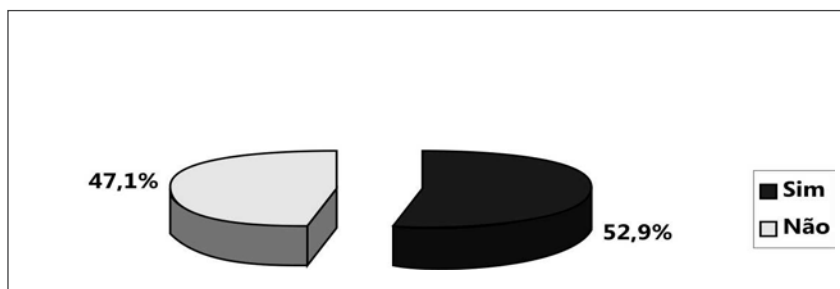


Gráfico 2 – Entendimento dos pequenos investidores do RN sobre o funcionamento da Bolsa de Valores
Fonte: Dados da Pesquisa, 2006

Apesar de 58,5% dos pesquisados classificarem seu nível de conhecimento entre básico e intermediário, apenas 52,9% dos entrevistados afirmaram entender o funcionamento da Bolsa, de acordo com o Gráfico 02.

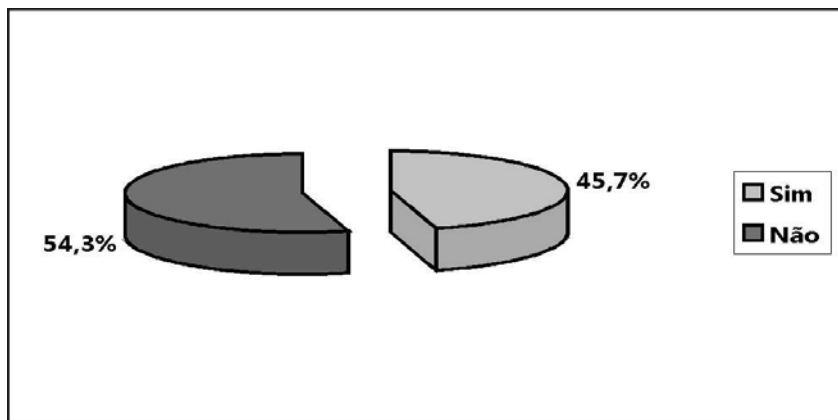


Gráfico 3 – Conhecimento dos pequenos investidores do RN sobre o objetivo principal da Bolsa de Valores
 Fonte: Dados da Pesquisa, 2006.

Com relação ao conhecimento sobre o objetivo principal da Bolsa de Valores, dentre os pesquisados, 54,3% não conhecem o seu objetivo, como se nota nos dados referentes ao Gráfico 03.

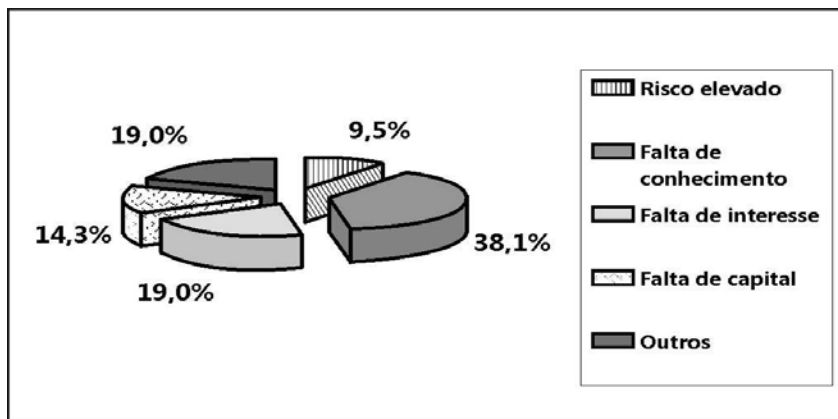


Gráfico 4 – Principais motivos para pequenos Investidores do RN não investem em ações
 Fonte: Dados da Pesquisa, 2006.

Por fim, quando questionados sobre os motivos de não investirem em ações, 38,1% alegaram falta de conhecimento; a falta de interesse foi apontada por 19% dos entrevistados; 14,3% declararam não ter capital suficiente para tal investimento; 9,5% afirmaram ser o risco elevado o seu motivo por não investir, segundo dados do Gráfico 04.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado de capitais vem se apresentando como uma importante alternativa de investimento para o pequeno investidor, pois a cada dia, um número maior de pessoas descobre os benefícios de aplicar seus recursos nesse mercado. Grupos estão se reunindo e formando clubes de investimento para aplicarem no mercado acionário de forma constante e disciplinada. A participação de pessoas físicas no quadro de investidores na Bovespa tem aumentado constantemente nos últimos anos.

O propósito maior deste trabalho foi identificar os motivos que podem inibir o ingresso do pequeno investidor do Rio Grande do Norte no mercado de capitais. Nesse sentido, procurou-se identificar o nível de conhecimento do investidor sobre o funcionamento do mercado de ações, apresentando as vantagens do mercado e sugerindo alternativas para a desmistificação quanto ao acesso dos mesmos nesse mercado.

Quanto aos principais fatores que inibem as aplicações na bolsa, pode-se avaliar, novamente, que a falta de conhecimento a respeito do mercado de ações é um fator decisivo, impedindo o ingresso de novos investidores no referido mercado. Portanto, faz-se necessária a adoção de medidas e iniciativas que visem aumentar o nível de conhecimento do público em relação ao mercado de capitais. Possibilitando, dessa forma, a participação dele no referido mercado.

Dentre as vantagens de investir no mercado de capitais, pode ser citada a utilização do FGTS para a aquisição de ações, que demonstrou ótimo resultado para seus investidores. Além da superior rentabilidade proporcionada pelas ações frente às demais alternativas de investimentos mais conhecidas do grande público.

Apesar das inúmeras iniciativas por parte da Bovespa visando aumentar o número de pessoas físicas no quadro de investidores, nota-se que a participação destes ainda é pouco expressiva diante o potencial do mercado. No intuito de estimular a participação do investidor, a Bolsa de Valores deve dar continuidade aos programas de incentivos já existentes, realizando diversos

ciclos de palestras informativas nas empresas e em diversas cidades, estimulando a formação de clubes de investimento, atuando junto a sindicatos, dentre outros.

Em síntese, para ampliar a capacidade de alcance destas ações se faz necessário a formação de parcerias com instituições ligadas ao mercado financeiro, como também instituições de ensino, que assumam o papel de difusores, disseminando os conceitos da Bolsa para públicos de todas as idades, contribuindo assim para a divulgação e popularização crescente do mercado acionário. Nesse sentido, fornecendo a colaboração expressiva para o desenvolvimento econômico dos investidores, das empresas e do país.

Diante das limitações do presente trabalho, indica-se possíveis temas para trabalhos futuros, como por exemplo:

- O movimento de disseminação do mercado acionário brasileiro;
- O mercado de capitais como alternativa de poupança a longo prazo;
- A relevância dos programas de incentivo de investimento para o fomento de investidores no mercado de ações;
- A importância do mercado acionário para o desenvolvimento das empresas no longo prazo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BANCO DO BRASIL. **Glossário**. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/appbb/portal/voce/ep/inv2/Glossario.jsp?letra=P>>. Acesso em: 07 mar. 2004.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO – BOVESPA. **Material técnico**: introdução ao mercado de capitais. São Paulo, 1999.

CAVALCANTE FILHO, Francisco da Silva; MISUMI, Jorge Yoshio. **Mercado de Capitais**. 4.ed. Belo Horizonte: CNBV, 1998.

CONSIDERAÇÕES Técnicas Sobre Risco. **Revista Investimentos On-Line**, 2000. Disponível em: <www.socopa.com.br>. Acesso em: mar. 2006.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado financeiro**: produtos e serviços. 15.ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira essencial**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____. **Princípios de Administração Financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 1997.

HALFELD, Mauro. **Investimentos**: como administrar melhor o seu dinheiro. São Paulo: Fundamento Educacional, 2001.

LUQUET, Mara. **Guia valor econômico de finanças pessoais**. São Paulo: Globo, 2000.

MACEDO, Roberto. **A matemática e a prática da poupança**. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/appbb/portal/voce/ep/inv2/art/ArtigoDet.jsp?codigo=538&codigoFonte=39>>. Acesso em: 15 fev. 2004.

MARKOWITZ, Harry M. Portfolio Selection. **Journal of Finance**, n 7, p.77-91, mar 1952.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projeto e Relatório de Pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WESTON, J. Fred; BRIGHAM, Eugene F. **Fundamentos da Administração Financeira**. Tradução de Sidny Stantatti. 10.ed. São Paulo: Makron Books, 1992.

